

# Apresentação

E ainda dizem que a História acabou!

Os inimagináveis atentados de 11 de setembro de 2001 repercutem, de múltiplos e imprevisíveis modos, sobre a política mundial. As lutas populares na Argentina demonstram o rotundo fracasso das políticas neoliberais, a imensa inventividade das classes populares e, ao mesmo tempo, as dificuldades para se construir uma alternativa à barbárie capitalista. Os limites da democracia liberal, tão glorificada nos últimos anos pela maioria dos intelectuais, dentro e fora do mundo acadêmico, se estreitam ao ponto em que praticamente todas as lutas populares (dos palestinos ao MST) são criminalizadas. Isto quando a política do Estado de Israel frente aos palestinos, apoiada pelo governo Bush, ainda recebe, apesar de crescentes protestos de massa no mundo inteiro, a complacência dos mesmos círculos intelectuais tão ciosos da defesa dos direitos políticos na Venezuela. Aliás, no exato momento em que estas linhas estão sendo escritas, Chávez retorna ao governo, após um golpe cujo caráter de classe transparece em simples fotos de jornal. O que se passa na Venezuela? E na Colômbia? Para onde vai a América Latina? Como apoiar com maior eficácia a luta do povo palestino? A quantas andará a conjuntura nacional e internacional nos próximos seis meses? Lançar um número de *Lutas Sociais* neste momento é um verdadeiro desafio teórico-político.

Já estamos acostumados.

Quando o primeiro número foi lançado, muitos avaliaram sinceramente que o momento era de refluxo das lutas sociais e, portanto, o próprio nome da revista era um equívoco. Ocorreu o contrário: não apenas lutas recém-afloradas adquiriram grande visibilidade como outras surgiram. Greves operárias eclodiram desde o Extremo Oriente à Argentina, passando pelos Estados Unidos. “Novíssimos” movimentos sociais chamados pela imprensa de “antiglobalização”, com aspectos anticapitalistas cada vez mais difíceis de serem ignorados, passaram a ser parte do cotidiano. A América Latina voltou a ser, na virada do milênio, um viveiro de lutas sociais. Fiel ao seu objetivo programático de “vislumbrar, nas lutas que hoje se travam, por menores que sejam, as potencialidades de constituição dos sujeitos da transformação social”, a revista tem se voltado para a análise desses movimentos, o que, dada a sua crescente multiplicidade, não tem sido fácil.

O presente número é uma tentativa de atualizar este objetivo em um duplo sentido: incorporando novas temáticas e ampliando o leque de abordagens.

Isabel Monal faz um acurado exame das relações entre Estado e sociedade civil na obra de Marx. A mesma preocupação com criatividade e rigor está presente nos demais artigos fundamentalmente teóricos. Jair Pinheiro retoma seus estudos sobre classes sociais, examinando as relações de unidade e contradição entre aquele conceito e o de comunidade, no que se refere às lutas urbanas. Maria Cristina Paniago explora as potencialidades de uma importante tradição marxiana, que passa por Lukács e Mészáros, no exame das relações entre duas problemáticas da transição: para o socialismo e para a democracia liberal. Célia Motta analisa a relação entre o discurso e a política efetivamente implementada pelo Estado brasileiro ao longo dos anos 90; Carlos Montaña aborda os vínculos entre a política neoliberal e este “objeto não identificado” cujo conhecimento é de fundamental importância para a maior clareza dos movimentos sociais em todo o mundo: o chamado terceiro setor.

Para um período marcado pela presença de grandes manifestações de massa, o dossiê, “De comunas e cacerolazos”, nos parece bastante apropriado. Com erudição e combatividade, Sílvio Costa analisa as diferentes posições ideológicas no interior da Comuna de Paris, de 1871, primeira tentativa de constituição de um poder proletário. Também com erudição e espírito crítico, Paulo Barsotti analisa a Comuna de Paris, cujos 130 anos foram comemorados em 2001, tomando-a como referência central para a crítica das experiências marcadas, no século XX, pelo stalinismo e às atuais políticas de conciliação do movimento operário com o neoliberalismo. Andréia Galvão faz um primoroso levantamento das repercussões da greve de 1995, na França. Waldyr Rampinelli faz uma elucidativa entrevista com o principal dirigente da “Revolução dos Cravos”, em Portugal, o tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho. Nicolas Inigo Carrera e Maria Célia Cotarelo fazem uma inteligente periodização das lutas sociais na Argentina ao longo dos últimos onze anos, com especial destaque para as novas dimensões que elas adquirem entre 1999 e 2001. Eliel Machado apresenta novos resultados de sua pesquisa pioneira sobre o mal-estar da democracia na América Latina, apontando os limites de transições políticas tão exaltadas por grande parte dos intelectuais e cada vez mais restritas a uma participação popular que não pede licença para entrar em cena e criar. Lúcio Flávio de Almeida esboça uma abordagem preliminar das relações entre lutas sociais e relações internacionais, tomando como referência o 11 de setembro de 2001. O dossiê se encerra com “Avellaneda de pie”, um candente depoimento feito por Luis Menéndes sobre o desenrolar de um *cacerolazo*.

Com o objetivo de estimular os que se dedicam à análise crítica, *Lutas Sociais* pretende publicar, tão regularmente quanto possível, textos polêmicos de alta qualidade. Neste número, Gilbert Achcar faz uma crítica contundente ao pessimismo teórico-político que detecta no editorial que Perry Anderson

escreveu para a inauguração da nova série da importante revista *New Left Review*.

A seção de resenhas, além de contemplar ótimos livros, continua buscando ampliar o leque de preocupações temáticas de *Lutas Sociais*.

Esperamos, com este número, estar contribuindo para a construção de referências para se pensar e agir criticamente em um contexto turbulento. Cabe ao leitor julgar em que medida nos aproximamos deste objetivo. Como de costume, as críticas serão bem-vindas.

*Lutas Sociais* parece ter sido muito feliz em sua tentativa de articular pesquisa científica e crítica social, compondo um coletivo bastante heterogêneo no campo da chamada esquerda. A idéia é, enquanto for possível e interessante, continuar.

L.F.R.A

(Pelo Comitê Editorial)